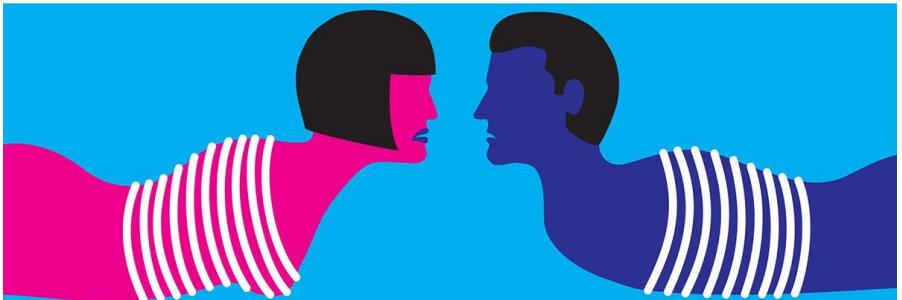


Pela encarnação, a sexualidade faz parte do Filho de Deus. Aqui, a sexualidade não deve ser reduzida à genitalidade; ela significa todo o envolvimento afetivo e as trocas amorosas, com as características próprias do feminino e do masculino respetivamente.



Quando a sexualidade era celebrada na Igreja

Existe a opinião geral de que a **moral católica**, no tocante à sexualidade, é rigorista e, até, preconceituosa. O que se deve, em grande parte, à influência de Santo Agostinho que interpretava a transmissão do **pecado original**, que macula toda a existência humana, através da **relação sexual**. Todos os que nascem dessa relação são portadores desse pecado. Por causa desta interpretação, que se tornou doutrina dominante, estabeleceu-se uma relação negativa, e até preconceituosa, entre sexo e pecado.

Entretanto, nem sempre assim foi. Dentro da própria Igreja, há tradições e doutrinas que veem no prazer e na **sexualidade** uma manifestação da criação boa de Deus, uma centelha do Divino, e uma participação na natureza mesma de Deus. Esta linha está ligada à tradição bíblica que vê com **naturalidade**, e até com regozijo, **o amor entre um homem e uma mulher**. Com forte carga erótica, o livro do ***Cântico dos Cânticos*** celebra o jogo do amor, a beleza dos corpos dos amantes, dos seios, dos lábios e dos beijos. Curiosamente, neste livro bíblico nunca aparece o nome de Deus. Mesmo sem nomear Deus, este livro foi recolhido no **Cânon dos livros** tidos como inspirados. Nem precisava de se referir a Deus, pois São João nos revela que a verdadeira natureza de Deus é amor (1 Jo 4,16). O que significa que Deus se encontra presente.

A base teológica para esta visão positiva radica na fé na encarnação do Filho de Deus. Ele assumiu tudo o que é humano, portanto, também a sexualidade, a **libido** e o imaginário a ela ligado, bem como o amor. Daí o dizer-se que nada mais existe de profano em si mesmo. Tudo foi tocado e transfigurado pela realidade divina, feita humana. Pela encarnação, a sexualidade faz parte do Filho de Deus. Aqui, a sexualidade não deve ser reduzida à genitalidade; ela significa todo o envolvimento afetivo e as trocas amorosas, com as características próprias do feminino e do masculino respetivamente.

Tal assunção trouxe à **sexualidade humana** uma dimensão sagrada. Depois da encarnação de Deus, ela já não pode constituir um tabu, um

pesadelo ou um fator transmissor da desgraça do **pecado original**. É uma dimensão privilegiada, na qual o ser humano experimenta a força vulcânica do desejo, a ternura, o amor e o prazer. Tudo isso pode constituir a base de uma experiência prazerosa de Deus. O próprio Deus se revela nas vidas dos seres humanos diferentes e desejantes. Deste encontro nasce o maior fruto da cosmogénese que é a vida humana.

Para ilustrar esta tradição, cabe referir aqui uma manifestação que perdeu na Igreja romano-católica durante mais de mil anos, conhecida pelo nome de **“risus paschalis”**, o “riso pascal”. Significava a simbolização do prazer genital-sexual no espaço sagrado, na celebração da maior festa cristã, a da Páscoa.

Trata-se do seguinte facto, estudado com grande erudição por uma teóloga italiana Maria Caterina Jacobelli (*Il risus paschalis e il fondamento teologico del piacere sessuale*, Brescia 2004): para fazer sobressair a explosão de alegria da Páscoa, em contraposição à tristeza da Quaresma, o sacerdote, na missa da

manhã do dia de Páscoa, devia suscitar o riso no povo. E fazia-o por todos os meios, mas, sobretudo, recorrendo à **simbólica sexual**. Contava piadas picantes, usava expressões eróticas e encenava gestos que insinuavam relações sexuais. E o povo ria a bom rir. Traduzia-se, deste modo, o caráter inocente e decente do riso pascal.

Este costume é testemunhado por fontes históricas, já em 852, em Reims, na França, e estendeu-se por todo o Norte da Europa, pela Itália e pela Espanha, até 1911, perto de Frankfurt, na Alemanha. O celebrante assumia a cultura dos fiéis na sua forma popular e, para nós, que perdemos a **naturalidade do sexo**, dum modo que nos parece até obsceno. O próprio teólogo Joseph Ratzinger, depois papa Bento XVI, se refere, num dos seus escritos, embora criticamente, ao **risus pascalis**, para expressar a nova vida inaugurada pela Ressurreição. Afirmava, ainda, que somente a partir da crença na Ressurreição o sorriso voltou, verdadeiramente, à humanidade, e não apenas o riso. O sorriso desanuviado e livre, manifestado no “riso pascal” sexual, expressaria a alegria que a ressurreição trouxe ao mundo.



Podemos discutir o método pouco adequado para suscitar tal riso. Mas ele revela, na Igreja, uma outra postura, positiva e não condenatória, da sexualidade. Aventar tais fatos não significa querer escandalizar os fiéis ou questionar a doutrina da Igreja. Leva-nos a relativizar a rigidez oficial face à sexualidade, acentuada de modo

especial pelos últimos papas, mas, felizmente, superada no documento do Papa Francisco *Amoris laetitia*, cujo título diz tudo: “**a alegria do amor**”. Trata-se, no fundo, de conferir, de novo, sentido e alegria à vida humana, chamada à mais vida, e não apenas à renúncia e ao sacrifício. E por que não expressar isso na linguagem da sexualidade criada e querida por Deus?

Há que se reconhecer que esta visão mais natural predomina na vida concreta dos cristãos. Estes obedecem mais à lógica das exigências profundas da existência humana sexuada e perpassada pelo desejo, do que às doutrinas frias da moral e da ética cristãs de cariz rigorista. A alegria da vida que triunfa, definitivamente, na ressurreição, encontrou, no **risus pascalis**, uma expressão da sexualidade redimida, inocente, prazerosa e sagrada. Por que não recordá-la gaiamente?

LEONARDO BOFF.

Escreveu, com Rose-Marie Muraro, *Feminino e Masculino: uma nova consciência para o encontro das diferenças*, Record 2003

“A Igreja portuguesa devia ceder edifícios aos serviços de Saúde, como se fez em Espanha”

O padre e professor de Filosofia ANSELMO BORGES considera que as medidas de contenção do novo coronavírus foram tardias e defende que a Igreja tem aqui uma oportunidade para se tornar verdadeiramente comunitária, arrumando de vez com “a peste” do clericalismo.

A COVID-19 reduziu a Igreja Católica aos seus serviços mínimos. Com as missas públicas suspensas, as catequeses adiadas, os funerais amputados de cortejos e pessoas, como sairá a Igreja Católica desta pandemia do medo? Vai eclipsar-se ainda mais enquanto intermediária da fé religiosa? “Não”, desde que, sustenta o padre e professor de Filosofia Anselmo Borges, saiba transformar esta crise em oportunidade para voltar a ser “circular e participativa”, varrendo de vez o clericalismo. “Ou a Igreja se renova, ou vai para a coisa pior que pode acontecer-lhe que é transformar-se numa Igreja insignificante, isto é, sem significado para as pessoas”, avisa, numa entrevista em que critica o atraso nas medidas de contenção e lembra a obrigação de a Igreja se colocar ao serviço do Estado.

Esta pandemia, que é também uma pandemia de medo, poderá levar a que os crentes se reconciliem com a Igreja enquanto intermediária da sua fé ou, pelo contrário, poderá fazer com que a fé claudique ainda mais?

Nós pensávamos que éramos onnipotentes e entrámos nesta pandemia, neste medo que nos confronta com a morte. E esta situação pode abrir mais a Deus, mas

as pessoas poderão também sentir-se entregues ao acaso. Quem leu A Peste, de Albert Camus, já esbarrou nessa pergunta: como é que Deus existe, se aparentemente nada fez nestas circunstâncias trágicas? No meio desta incerteza, noto que as pessoas andam tristes, há um imenso silêncio e vazio. O que é que acontece, face ao sagrado? Clama-se por Deus, o que pode provocar uma abertura maior ao sagrado, mas também pode acontecer essa entrega à resignação.

A fé não anula a ciência nem a acantona?

Pelo contrário, é verdade que há o disparate do Vaticano face a Galileu, mas não nos esqueçamos que quem formulou a teoria heliocêntrica foi Copérnico que era cônego, além de professor na Universidade de Lovaina, na Bélgica. Quem formulou a teoria do Big Bang foi Lemaître, que era padre. Portanto, não há incompatibilidade entre a fé e a razão. A própria fé tem de ser razoável, dar razões dela e da esperança. Por outro lado, o desenvolvimento da ciência no Ocidente foi também provocado por aquela afirmação, logo no início do Evangelho segundo S. João: “Tudo foi criado pelo Logos, pela Razão, que é Deus.” Então, se o mundo foi criado pelo Logos, deve ser racional e investigável racionalmente. Tem de haver uma mútua compreensão entre

a fé e a razão. A fé não abandona a ciência, mas a ciência não tem resposta para tudo, nomeadamente para aquelas perguntas essenciais do ser humano sobre o fundamento último e o sentido último da existência e do Universo.

De que modo e a que ponto poderá a Igreja activar na vida social e política os anticorpos para este vírus do medo?

A fé, por si, dá confiança e esperança às pessoas que é a tarefa primeira da Igreja. A Igreja pode dar ânimo e apelar à oração. E a oração – tal como acontece quando nos sentimos mal e vamos desabafar com um amigo – também tem este sentido de desabafar com Deus, de exprimir as nossas dores e as nossas dúvidas. Além disso, pode apelar à meditação. A palavra, aliás, vem do radical “med” (“tratar” “cura”) que dá, no latim, “mederi” que está na base das palavras “moderação”, “meditação” e “medicina”. Hoje sabemos, através da imagiologia cerebral, que a meditação deixa sinais no cérebro e também cura. Por outro lado, a Igreja como autoridade que é, pode ajudar as autoridades civis e políticas, dizendo aos fiéis para acatarem as ordens no sentido de não se exporem e de não colocarem os outros em perigo de contágio.

Como avalia a decisão da Conferência Episcopal Portuguesa de suspender as missas comunitárias?

Foi uma decisão racional, aliás, na linha das que foram tomadas pelo Governo e que, no meu entender, deviam ter sido tomadas antes e de forma mais musculada, porque tínhamos o exemplo de Itália, daquilo que pode acontecer, se não se agir com rapidez. Parece-me que as autoridades agiram com atraso, e isso

tem que ver com o facto de a política portuguesa viver bastante para a imagem. E não tenhamos dúvidas de que, quando passar esta pandemia, vem aí uma crise tremenda a nível social e económico. Tem de haver mais verdade e de se pensar mais. A palavra “escola” vem do grego “*scholê*”, que significa ócio, não como preguiça, mas tempo livre para pensar e governar a *polis*, algo que falta no nosso tempo. Hoje pensa-se, pouco porque tudo se tornou negócio, isto é, a negação do ócio. E a política foi em grande parte reduzida a negócio, que, como se sabe, é uma técnica, que não pensa, apenas calcula. Por outro lado, esta pandemia veio dar-nos consciência de que todos somos iguais e dependentes uns dos outros e que ou vencemos juntos ou perdemos-nos todos. Isto significa que há uma série de problemas que são globais – a ecologia, a bomba atómica, as migrações, os mercados... – e que só podem ser resolvidos ético-jurídico-politicamente a nível global. Tudo isto requer uma governança global (que não um governo mundial), quando o que temos é uma política nacional, quando muito regional.

Há uma imagem que mostra o papa Francisco sozinho a percorrer a pé uma Via Del Corso praticamente vazia, dirigindo-se para a Igreja de Santa Maria Maggiore, para rezar, como se quisesse mostrar que há espaços de fé que não podem ser suprimidos. Como avalia a actuação do papa Francisco nesta crise?

A imagem dele sozinho no meio da rua, mantendo aquela distância face aos outros, impressiona. Foi, sobretudo, um gesto de solidariedade: quis mostrar que podemos estar todos juntos no quadro desta união com Deus, sendo efectivamente solidários. O contrário do que fez outra grande

referência política que é o Presidente dos Estados Unidos, que queria ficar com o monopólio da descoberta da vacina. Mas, voltando a Francisco, creio que ele quis lembrar que, mais importante do que os rituais, é a disposição e a eficácia para ajudar e cuidar dos outros. E o Papa nisso tem sido absolutamente modelar, tem estado continuamente a chamar a atenção para a solidariedade e dá o exemplo. Nós estamos todos aflitos face à pandemia, e com razões para isso, mas não nos devíamos esquecer que todos os dias morrem 24 mil pessoas de fome. Isso é um vírus tremendo que devia acabar, o vírus do egoísmo. E o papa Francisco neste sentido é um modelo para todos, é uma referência político-moral global.

Ainda que de forma involuntária, a actuação do papa Francisco na denúncia das falhas do capitalismo e da urgência no combate à crise climática sai reforçada desta pandemia?

Esta pandemia também nos veio revelar que é preciso estar atento à natureza. E voltamos à questão da ciência e à investigação da própria natureza, em obediência àquele velho princípio de que o ser humano só está verdadeiramente equilibrado quando tem mente sã num corpo sã. Veja como isto está ligado: a ecologia vem do grego “*oikos*”, que é a “casa”, e a palavra “economia” também vem de “*oikos*” e “*nómos*”) que significa governo da casa. O papa Francisco, que fica na história com a encíclica *Laudato Si* sobre a ecologia, o cuidado da casa comum, está constantemente a apelar para a solidariedade e a dizer que esta financeirização especulativa da economia mata.

A Igreja pode ter aqui uma oportunidade para recuperar alguma da sua credibilidade?

Com este “ficar em casa”, que pode e devia levar à descoberta dos valores fundamentais do sentido do tempo, da família, a Igreja (e quando digo Igreja falo do conjunto dos baptizados, nós é que desgraçadamente quando pensamos na Igreja pensamos no Papa, nos bispos, nos cardeais, nos monsenhores, cónegos, nos padres...) deve aproveitar para se recentrar no que é essencial. Depois de denunciar a pedofilia que é um crime com que é preciso acabar e de pôr em ordem o banco do Vaticano, deve regressar a uma Igreja de iguais em comunhão, livrando-se do clericalismo e do carreirismo denunciados pelo papa Francisco como uma peste. E, neste momento em que as pessoas não têm a possibilidade da celebração comunitária e pública da missa, é preciso passar de uma Igreja clerical e vertical para uma Igreja circular e participativa.

Mas está confiante na capacidade de as cúpulas da Igreja o fazerem?

Vai demorar muito tempo, mas, como a sociedade se tem de reinventar a nível global, até porque vem aí uma crise social e económica tremenda, por causa do desemprego, também a Igreja tem de se reinventar. E esta crise é uma oportunidade. Repare, a palavra crise anda sempre ligada a oportunidade. E esta é, de facto, uma enorme oportunidade para repensarmos a nossa existência, a nível individual, familiar, nacional, europeu e global.

Ou a Igreja se reinventa, ou desaparece?

Ou a Igreja se renova, ou vai para a coisa pior que pode acontecer-lhe que é transformar-se numa Igreja insignificante, isto é, sem significado para as pessoas.

Irá ainda a Igreja a tempo de recuperar o espaço que perdeu enquanto intermediária entre as pessoas e a sua prática espiritual?

É indesmentível que, concretamente na Europa, a Igreja está em queda devido aos escândalos e também à desafeição face às instituições, mas, neste momento, já percebemos que somos todos iguais e dependentes uns dos outros e que somos vulneráveis e que só juntos é que vamos vencer. Eu observo que as pessoas, pelo facto de não se poderem reunir, uma vez que os bispos tomaram a decisão correcta de suspender a celebração pública da missa, sentem uma espécie de saudade do reencontro com a celebração comunitária. Portanto, parece-me que, ao contrário do que se poderia julgar, esta situação extremamente complicada e difícil que poderia afastar as pessoas da Igreja tem, pelo contrário, o potencial de ser uma ocasião para se aproximarem mais.

Como avalia, para lá da suspensão das missas, a actuação da liderança da Igreja Católica em Portugal face à pandemia?

Penso que, como fez o cardeal Antonio Cañizares, de Valência, que pôs edifícios da Igreja à disposição do Estado espanhol, cedendo-os aos serviços de Saúde, a Igreja portuguesa devia eventualmente fazer o mesmo, uma vez que temos de viver solidariamente face a um problema que atinge a todos.

Disponibilizando hospitais?

Oferecendo certos espaços a serviços de Saúde, além de poder continuar naquela que é a sua tarefa primeira que é animar as pessoas nesta sua

falta de esperança e confiança.

Crê que o facto de os rituais fúnebres terem sido amplamente reduzidos deixará feridas colectivas em termos de processo de luto?

Acho que esta medida é uma medida de prudência racional. Agora, evidentemente, isso vai criar um imenso vazio dentro das pessoas. O luto é um trabalho face à perda de alguém e é preciso exprimir esse luto mediante rituais e encontros. Reduzindo a possibilidade destes encontros, vamos confrontar-nos com um problema de saúde mental que requer apoio espiritual e psicológico e eventualmente até psiquiátrico. Isso parece-me claro.

Há sempre a hipótese de se postergar esses rituais de despedida.

Seria uma boa medida, haja capacidade dos padres e dos agentes pastorais de renovarem a celebração que não é possível neste momento. Mesmo onde há uma prática religiosa fraca, a maior parte das pessoas quer um ritual religioso para a celebração da morte de alguém, o que é significativo. Portanto, julgo que seria uma boa medida prometer às pessoas, condicionadas agora na celebração de um funeral, uma celebração futura com mais tempo e com maior expressão afectiva. Veja que neste momento as pessoas não se podem sequer abraçar nem beijar! E, diante da morte de um ente querido, é fundamental que as pessoas possam chorar e exprimir os seus sentimentos.

Natália Faria

in *Público*, 22.03.2020



urgências

que a tua Palavra alimente a grande fome,
os caminhos da urgência,
a amargura do corpo habitado pela tristeza

que nos toque a tua Palavra
como mão que cura,
plenamente intolerante ao mundo

que a obra da tua ternura
nos abra os caminhos de iniciação à liberdade,
ao imprevisível, no trabalho, na ecologia,
no sindicato,
como a mudança da tristeza à alegria

que nos tornemos ternura que age
porque só pelo dom que fazemos
conhecemos o dom que somos

que a unção da tua misericórdia
seja a nossa força e a nossa bênção

JOSÉ AUGUSTO MOURÃO, op

In *O Nome e a Forma*, ed. Pedra Angular / Fotografia: Corbis